

**VICISSITUDES DA LITERATURA E DA VIDA REAL:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM OS DOZE
TRABALHOS DE HÉRCULES**

Ivonete Soares Nink (UFMS)
ivonetenink@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, será abordada a importância do ato de ler, a função da escola e do papel do professor na construção de andaimes para uma leitura satisfatória, contextualizada. Para desenvolvê-lo foram utilizados, como aportes teóricos, sobretudo, Bortone e Martins (2008), Bortoni-Ricardo (2012), Freitas (2012), Riter (2009), Souza e Serafim (2012), Mesquita (2012) e Cosson (2016). O objetivo é demonstrar a (im)possibilidade de transpor a literatura do imaginário para o real. O exposto surgiu do processo de acompanhamento da leitura do livro “Os doze trabalhos de héracles”, de Isabelle Pandazopoulos. Uma obra que fala sobre a mitologia grega, assunto, geralmente, bem acolhido pelos alunos. Ao desenvolver essa intervenção, o intento era provocar reflexões, ir além da decodificação de palavras, associar as missões recebidas por héracles aos resquícios delas na atualidade, enfim, auxiliar o aluno na produção de sentido do texto, comparando o real e o imaginário. Ao concluir, constatou-se que em “Os doze trabalhos de héracles” há caminhos que conduzem da imaginação à realidade, além de muitos conhecimentos, daí a relevância em mergulhar no texto para compreendê-lo, realizando uma leitura crítica e atenta às pistas deixadas pelo autor.

Palavras-chave:

Leitura. Mediação. Os doze trabalhos de Hércules.

ABSTRACT

In this work, the importance of the act of reading, the function of the school and the role of the teacher in the construction of scaffolding for a satisfactory, contextualized reading will be approach. To develop it were used, as theoretical contributions, mainly, Bortone and Martins (2008), Bortoni-Ricardo (2012), Freitas (2012), Riter (2009), Souza and Serafim (2012), Mesquita (2012) and Cosson (2016). The objective is to demonstrate the (im)possibility of transposing literature from the imaginary to the real. The above arose from the process of accompanying the reading of the book “The twelve labors of Hercules”, by Isabelle Pandazopoulos. A work that talks about Greek mythology, a subject generally welcomed by students. When developing this intervention, the intention was to provoke reflections, to go beyond the decoding of words, to associate the missions received by Hercules with the remnants of them today, in short, to help the student in the production of the text’s meaning, comparing the real and the imaginary. In conclusion, it was found that in “The twelve labors of Hercules” there are paths that lead from imagination to reality, in addition to a lot of knowledge, hence the relevance of diving into the text to understand it, performing a critical reading and attentive to the clues left by the author.

Keywords:

Mediation. Reading. The twelve labors of Hércules.

1. Introdução

A leitura, a escola e o professor são partes entrelaçadas e, até certo ponto, indissociáveis. A escola é a instituição definida por lei e por direito como ambiente propício e adequado para a educação formal acontecer. O professor é a pessoa capacitada para desenvolver com os estudantes habilidades para pensar de modo crítico a realidade. Entre as funções que compete à escola, no papel do professor, a leitura é um item essencial para o desenvolvimento das competências educacionais. O que se aprende na escola, o que é ensinado pelo professor, passa pelo caminho da leitura. Um problema em matemática, uma fórmula em química, um teorema, uma obra de arte, um mapa geográfico, dentre tantos outros assuntos, são situações que demandam atos de leitura. Ainda que não seja a leitura da palavra, o ato de ler se faz presente.

Não é sempre que uma criança chega ao ambiente escolar decodificando as letras. Quando isso acontece, não quer dizer que ela já sabe ler, afinal, nem sempre decodificar a escrita significa compreender o texto, produzir sentido. Ainda que um indivíduo realize uma leitura e saiba recontar o que leu, não significa que houve entendimento. É como assistir a um filme, contar o que está explícito na narrativa, mas não compreender a crítica, as denúncias, as lacunas, as provocações/reflexões apontadas pelo diretor ou autor da obra.

A função da escola é, nesse sentido, oportunizar ao aluno, por meio de atividades distintas, que ele alcance os níveis satisfatórios de leitura, dentro de cada etapa escolar e componente curricular.

[...] um trabalho eficiente com leitura requer que sejam exploradas habilidades e competências em determinados níveis, de forma que, conforme o aluno progrida na educação básica, essas habilidades e competências possam tornar-se mais complexas. (BORTONI-RICARDO, MACHADO; CASTANHEIRA 2010, p. 53)

As dificuldades precisam ser graduais, progressivas. Ao professor compete, sempre que possível acompanhar a as atividades propostas, oferecer o suporte necessário e instigar reflexões.

Em se tratando do componente curricular de Língua Portuguesa, a leitura é uma competência imprescindível, principalmente, ao que se refere à literatura. Para Cosson (2016, p. 26-7), “a literatura é um *locus* de conhecimento e, para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. A escola precisa ensinar o aluno a fazer essa exploração”. Isso não é uma tarefa fácil, principalmente, quando o aluno apre-

sentar um nível de leitura muito abaixo do esperado para a etapa escolar a qual está vinculado. Provavelmente, quando for solicitado a leitura de um livro na íntegra, o auxílio do professor será indispensável para que haja compreensão do que foi lido. Desse modo, fazer o acompanhamento das atividades de leitura propostas é indispensável.

Nessa perspectiva, surgiu o trabalho aqui exposto: um relato de experiência a partir do processo de acompanhamento da leitura do livro *Os doze trabalhos de Hércules*, de Isabelle Pandazopoulos. Uma narrativa sobre a mitologia grega, assunto, geralmente, bem acolhido pelos alunos e com diversas possibilidades de trabalhos pedagógicos.

Ao selecionar este livro para trabalhar com 3 turmas do 7º ano, 105 alunos, do ensino fundamental II, em uma escola da rede pública do Estado de Rondônia, muitos caminhos foram percorridos, diversas atividades foram propostas, realizadas, abandonadas, repensadas, modificadas ao longo do processo, dentre essas, a que causou maior surpresa nos alunos, após as etapas de leitura, de compreensão, de rodas de conversas sobre o que estavam lendo, foi a última roda de conversa, a conclusão dos trabalhos sobre a leitura realizada.

Nessa atividade, a partir dos doze trabalhos realizados por Hércules, de palavras-chave pertinentes a esses desafios, foi estabelecida uma relação entre esses vocábulos e assuntos da contemporaneidade. Assim, eu, enquanto professora-pesquisadora, intervi para que os alunos visualizassem nos doze trabalhos de Hércules algo até então só imaginativo, mítico, para a maioria dos alunos, mais próximos à realidade deles. Uma extrapolação das linhas do texto, contextualização.

2. O fazer pedagógico e a leitura

Desenvolver atividades de leitura é algo que exige planejamento, objetivos, adequação à realidade e ao nível da turma. Não deve ser pretexto para cumprir o tempo “ocioso” nem mesmo ser algo relegado a um segundo plano.

Que a leitura seja vista como algo imprescindível na escola é sabido, possivelmente por ser uma instituição formal de ensino, com papel social de intervir positivamente na formação de indivíduos capazes de exercitar sua cidadania numa sociedade grafocêntrica, porém, seria ingênuo pensar que na escola todos os processos de leitura acontecem de forma satisfatória, alcançam os objetivos propostos, corroboram para a

formação de leitores críticos. Seguramente, ainda há muito a ser feito.

Embora a educação escolar tenha vasta tradição no estudo dos textos, nem sempre isso é feito de maneira aprofundada ou realmente esclarecedora. Atividades de leitura tradicionais nem sempre ajudam a conduzir discussões que tenham impacto sobre os discursos ou fomentem a criticidade. (RIBEIRO, 2018, p. 29)

Não basta escrever no quadro as páginas com a leitura a ser realizada pelo aluno, quais atividades sobre o texto devem ser realizadas e ao final anotar na lousa ou ditar as respostas “corretas” para os estudantes. As rodas de conversa sobre as leituras, as trocas de entendimentos sobre os textos, os debates, as discussões devem acontecer. Toda leitura deve resultar em aprendizagens, caso contrário torna-se sem sentido, um pretexto. Quando o aluno é instigado apenas a copiar e responder, transcrever as palavras do livro ou do professor, sem diálogo, certamente há um rompimento significativo na aquisição de novos conhecimentos.

A mediação pedagógica deve conduzir à discussão, ao debate, e não limitar-se à avaliação das opiniões. Deve contribuir para que o aluno entenda que ler não é apenas um processo de decodificação de palavras, frases e parágrafos, mas uma tensão constante de refazer, de repetir o que o autor denuncia, a partir da pontuação, da acentuação, da separação de ideias em frases, orações, parágrafos... (MESQUITA, 2012, p. 159)

Nenhum texto é produzido de forma desprezível, sempre há muito a ser dito. Ninguém fala por falar, ninguém escreve por escrever, para não ser lido. As palavras não são ingênuas. O que está escrito não é a totalidade, é apenas o suficiente, indispensável, para se ter uma visão situada além, aquém da linearidade.

A leitura no ambiente escolar: lugar onde o aluno poderia ter o suporte necessário para a compreensão do que foi lido, é fundamental, principalmente, pela constatação, em minha prática docente, de que o maior desafio para a maioria dos alunos é estar diante de questões subjetivas e implícitas concernentes ao texto.

Para com Bortone e Martins (2008, p. 64), “muitas vezes temos de partilhar com o autor informações culturais e socialmente determinadas. Essas informações, embora não estejam explícitas, são compreendidas graças a nosso conhecimento de mundo”. Nem sempre os estudantes têm esses saberes. Às vezes, o desconhecimento do significado de alguns vocábulos, algumas palavras, dentro de determinado contexto, época, impedem que os alunos compreendam parte significativa da leitura. Daí a relevância de um fazer pedagógico eficaz.

Nas palavras de Souza e Serafim (2012, p. 41) a “leitura na escola precisa de muita reformulação: é necessário torná-la um objeto, sobretudo, social, um pouco mais livre do tratamento cristalizado, avaliativo e quantitativo dado pela escola”. Em outras palavras, é necessário que a escola oportunize e ofereça auxílio adequado ao aluno para que ele produza um sentido singular para a leitura realizada, compreenda o texto, e não enfoque tão somente a produção, a qualquer custo, de uma boa nota ao final da atividade de leitura. Tem mais valor o saber adquirido para o uso na vida do que os números impressos em um histórico escolar. Pena que alguns ainda não fizeram essa constatação.

Em atividades de leitura, as rodas de conversas, a exposição das respostas subjetivas, e, principalmente, o abandono de questionários superficiais ao final da leitura, esses que exigem apenas o explícito do texto, corroboram para um processo de leitura eficiente: uma troca de conhecimentos, na qual aluno e professor aprendem juntos. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2013, p. 25).

Para Souza e Serafim, “elaborar questões para permitir aos alunos perceberem as entrelinhas do texto é um ótimo recurso para desenvolver a compreensão leitora e deveria ser uma prática mais comum na escola” (SOUZA; SERAFIM, 2012, p. 41). É indispensável que as pessoas envolvidas com a educação, principalmente os professores, de qualquer componente curricular, tenham discernimento da importância da leitura e saibam que “a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideias” (MOURA; MARTINS, 2012, p. 87).

O professor de Língua Portuguesa não pode mais ser responsabilizado por todos os déficits de leitura dos alunos. Cada docente tem uma parcela de contribuição. As descobertas científicas, os (f)atos históricos, os mapas políticos, as reflexões filosóficas, os trabalhos artísticos, as regras dos esportes, enfim, conteúdos de ciências, história, geografia, filosofia, arte, educação física, todos, envolvem leitura e, geralmente, não são assuntos pertinentes ao componente curricular de Língua Portuguesa, então não há um “culpado”.

Quando a leitura é acompanhada, nos debates, nas trocas de ideias, nas avaliações qualitativas, em qualquer componente curricular, as fendas que permaneceram abertas durante uma leitura solitária ou mesmo

em sala, poderão ser fechadas, as lacunas preenchidas. Esse suporte compete aos professores de todas as matérias escolares.

3. Mitologia: a literatura do imaginário presente na vida real

A literatura é uma fonte inesgotável de conhecimento. Para Barthes (2013, p. 18-19), “a literatura abriga todos os saberes, caracteriza-se por ser enciclopédica e dá conta de todas as ciências, pois estão presentes no monumento literário, nunca inteiro nem derradeiro”. Em outras palavras, o texto literário tem muito a ensinar, tudo está nele, de modo explícito ou implícito. É “um baú de descobertas, em que inexistente uma interpretação correta, mas, sim, várias possibilidades de entendimento, desde que referendados ou justificados pelo texto” (RITER, 2009, p. 76).

Ao iniciar uma leitura despreziosa, em busca de diversão, descanso, entretenimento etc., e seleciona-se uma obra, por exemplo, de mitologia, quem o faz, geralmente, já sabe que encontrará uma narrativa, aparentemente, longe dos fatos reais, com personagens com poderes sobrenaturais, seres com características que transcendem os limites da natureza, enfim, uma literatura de situações “imaginárias”. Se a literatura abrange todos os saberes, como uma literatura com essas características pode atravessar do imaginário para a realidade? Ser objeto de conhecimento?

Para o leitor distraído, essa tarefa pode não ser tão simples, a leitura cumprirá apenas o propósito de passatempo. Ao realizar a leitura de um texto de mitologia é preciso saber que

Enquanto, na linguagem corrente, um *mito* designa uma coisa fantástica ou irreal, para os Antigos este termo tinha um significado objetivo, dinâmico, conceitual e em relação direta com a realidade. Em sua origem, todas as mitologias – egípcia, cretense, grega, romana, indiana, mesoamericana, nórdica etc. – tinham por objetivo fornecer uma explicação plausível para os fenômenos naturais e cósmicos: ciclos das estações do ano, do dia e da noite, da vegetação, da vida e da morte..., e para os fenômenos históricos. Mas essas mitologias também exerceram uma função moral, didática e iniciática durante milhares de anos. (JULIEN, 2002, p. 5) (grifo do autor)

Quando há discernimento de que nenhuma palavra é falada ou escrita sem um propósito comunicativo, compreende-se facilmente que todos os textos, inclusive os que fazem parte de uma categoria considerada, por alguns, como textos com situações e personagens imaginárias não es-

tão distantes na nossa realidade. Ainda hoje, os textos de mitologia podem ser utilizados para a compreensão, explicações, entendimentos de diversos fenômenos, nomenclaturas, condutas etc.

Através das narrativas mitológicas podem se extrair a filosofia e as concepções específicas de uma civilização, um povo ou uma época traduzidas em imagens, figuras, situações, relatos, aventuras, lugares ou abstrações. Além disso, dessas figuras saídas da imaginação dos mitógrafos antigos, podem-se extrair as profundas exigências da alma humana, os sentimentos, as aspirações e os sonhos daqueles que nos precederam. (JULIEN, 2002, p. 5)

Uma leitura realizada de modo desatento, sem provocações para reflexões, quando se trata de um leitor crítico em formação, pode resultar na ausência dessas percepções, desses entendimentos. Ao final da leitura, a produção de sentido do texto, de modo mais amplo, crítico, pode não ser atingida. Esses são apenas dois dos fatores dentre tantos outros que podem corroborar para esse desfecho. O conhecimento de mundo e/ou enciclopédico também desempenham funções extremamente relevantes.

Na atividade de leitura, mobilizamos, de início, a ação de reconhecer o que estamos lendo: palavras, conexões, relações entre palavras, frases e parágrafos. Se houver uma ruptura, pela impossibilidade de reconhecer o que está sendo lido, o resultado é a incompreensão. (FREITAS, 2012, p. 71)

Se as rupturas forem demasiadas, o leitor, possivelmente, não seguirá com a leitura. Dessa forma, é importante que os professores, grandes responsáveis pela formação de leitores críticos, auxiliem os alunos a irem além da decodificação das palavras. Dizendo de outra forma, construam andaimes. Isso é fundamental para a efetivação do objetivo da leitura.

Andaime é um termo metafórico, introduzido por Bruner (1983), que se refere à assistência visível ou audível que um membro mais experiente de uma cultura presta a um aprendiz, em qualquer ambiente social, ainda que o termo seja mais empregado no âmbito do discurso de sala de aula. (BORTONI-RICARDO, 2012, p. 9)

A construção de andaimes, no ambiente escolar, quando envolve a leitura, é a mediação desse ato de ler: são os professores oferecendo auxílio, assistência, aos estudantes para que compreendam o que está sendo lido.

Quando o docente solicita uma leitura, primordialmente, ele deve conhecer a obra. É impossível imaginar como construir andaimes, para uma leitura com propósitos de aprendizagens significativas, se falta co-

nhecimento sobre o que está sendo lido. O membro mais experiente em sala, o professor, deve ser capaz de elencar os objetivos, definir os caminhos a serem trilhados, oferecer uma mediação da leitura satisfatória para que os conhecimentos que estão implícitos no texto sejam alcançados.

Em se tratando de mitologia, os professores sabem, ou deveriam saber, que os mitos “sobrevivem na raiz da maioria das palavras que utilizamos em nosso cotidiano!” (JULIEN, 2002, p. 5). Em outras palavras, a mitologia não faz parte apenas da literatura do imaginário, não está tão somente nas páginas dos livros, revistas, filmes, cartuns etc., ela faz parte da nossa realidade, está materializada em nosso cotidiano.

Dentro dessa perspectiva, Julien (2002, p. 5) menciona que: “os mitos são dotados de uma extraordinária vitalidade: eles nascem, vivem e evoluem com as épocas, os países, e sobrevivem com nomes ou aspectos diferentes”. Dito de outro modo, o que era transmitido de forma oral, antes do surgimento da escrita, hoje está presente em inúmeros meios de comunicação, em diversos suportes, tornou-se, inclusive, objeto de conhecimento, se atualizaram e, se utilizado de modo adequado, são importantes fontes de saberes. Cabe ao professor provocar reflexões nos estudantes para que isso aconteça.

4. *Relato de uma experiência: “Os doze trabalhos de Hércules”, de Isabelle Pandazopoulos*

Sou professora há 15 anos. Durante esse tempo, já lecionei para turmas de todas as etapas da educação básica, e também na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Atualmente, ao iniciar o ano letivo, faço a seleção de quatro livros paradidáticos, um para cada bimestre. Eles são pensados e escolhidos para desenvolver trabalhos de leitura que complementem o livro didático e, também, para abordar assuntos diversos e necessários para a formação do estudante de forma integral.

Efetivar essa prática pedagógica sempre é um grande desafio: faltam livros, nem sempre os responsáveis pelos alunos, com poder aquisitivo para comprar as obras, compram os exemplares, há resistência dos próprios alunos em realizar as leituras. Os livros adquiridos pela escola, disponibilizados pela biblioteca, não são devolvidos no prazo estipulado. Enfim, não faltam fatores que, às vezes, provocam desestímulo para a execução dessas atividades de leitura. Contudo, isso, para mim, ainda, não foi razão para desistir. Assim sendo, sigo o relato.

Em uma escola da rede pública do Estado de Rondônia, ao trabalhar com 3 turmas do 7º ano, 105 alunos, do ensino fundamental II, fiz a escolha do livro paradidático “Os doze trabalhos de Hércules”, de Isabelle Pandazopoulos. Essa escolha foi baseada, principalmente, por ser um assunto recorrente nessas turmas, a meu ver, isso poderia ser algo que instigasse os estudantes para a leitura, tornar a atividade mais prazerosa, uma vez que eles sempre abordavam a mitologia grega, os heróis, os filmes que eram lançados com essa temática etc. Além disso, percebeu-se a possibilidade de contextualizar essa literatura apresentada, nesse caso, na ótica dos alunos, como algo totalmente fictício, imaginário, em realidade.

Assim sendo, um dos objetivos da mediação da leitura do livro sobre os doze trabalhos de Hércules foi provocar reflexões nos alunos para que eles percebessem associações com a ideia central de cada trabalho desenvolvido pelo herói e como essas missões ultrapassaram a escrita do texto e se mostram nos dias de hoje, os vestígios desses doze desafios “imaginários” na vida real.

Para este estudo, sobre essa experiência pedagógica, cabe salientar que não detalharei todas as atividades realizadas. O foco será na última, aquela que transpõe o texto literário do imaginário para a realidade: quando as provocações, realizadas em rodas de conversa, com os alunos, são feitas com o intuito de que eles façam associações entre as missões recebidas por Hércules e os resquícios delas na atualidade.

A narrativa sobre Os doze trabalhos de Hércules apresentado na obra de Isabelle Pandazopoulos (2018), conta a história de um herói da mitologia grega, Hércules, um jovem que é temido por possuir uma força prodigiosa e por ter acessos de fúria imprevisíveis. Em uma delas ele matou o professor Lino, a única pessoa que foi capaz de lhe ensinar a ler e a escrever, visto que o jovem era, até então, incapaz de manter a concentração, isso foi conquistado em troca de trechos das aventuras de Perseu contadas pelo professor. Devido a esse crime ele foi condenado por Zeus, o deus do Olimpo, a ficar distante do resto do mundo controlando seus acessos de fúria, até completar 18 anos.

Quando retornou para Tebas, 4 anos depois, participou de um confronto no qual seu pai, Anfitrião, foi morto. Na fúria, ele cortou ao meio o assassino e sentiu-se culpado, pois foi ele que incentivou o confronto. Diante da dor e tristeza de Hércules, o adivinho Tirésias decidiu contar a verdade sobre a sua origem: a verdade é que ele não era filho de Anfitrião.

Ao casar-se com Alcmena, mãe de Hércules, Anfitrião não pôde deitar-se com ela até que a morte de seus cunhados fosse vingada. Assim, após casar-se partiu para a vingança. Enquanto isso, Zeus apaixonou-se por Alcmena. Certa noite, tomou a aparência de Anfitrião, fingiu ter chegado da viagem e tornou-se o verdadeiro pai de Hércules.

Ao descobrir a suposta traição, Anfitrião quis vingança. Ateou fogo na própria esposa, em praça pública. Para apagar as chamas, Zeus mandou uma forte chuva e revelou a verdade sobre a noite. De fato Alcmena não teve culpa, foi enganada por Zeus. Ela sobreviveu e teve dois filhos, Hércules e Íficles, um filho de Anfitrião outro de Zeus.

Hércules herdou a força descomunal de seu pai e foi predestinado a matar todas as feras que ignorassem a justiça. Sua vida seria de muitas lutas, grandes dificuldades. Por um tempo ele tentou fugir de seu destino, casou-se com Mégara e teve dois filhos. Zeus, vendo que ele renegava a sua força, decidiu impor que ele cumprisse doze trabalhos.

Mesmo sabendo de seu destino, Hércules tentou viver como se não soubesse, porém Hera, a verdadeira esposa de Zeus, ainda sem perdoar a traição, fez com que Hércules, por meio da magia, matasse sua esposa e seus dois filhos. Quando despertou do encantamento, soube que não poderia fugir de seu destino e partiu para realizar os doze trabalhos.

Em sala de aula, para realizar as atividades de leitura sobre “Os doze trabalhos de Hércules”, de Isabelle Pandazopoulos, primeiramente houve a motivação: a obra foi apresentada pela professora-pesquisadora, juntamente com uma breve biografia da autora. Os alunos demonstraram grande interesse e, a maioria, ficou feliz com a escolha do livro, uma vez que alguns já comentavam sobre essa temática. Isso se repetiu nas 3 turmas do 7º ano.

Na sequência das atividades, aconteceram momentos de leitura compartilhada. Toda semana havia uma aula para que os alunos expusessem as suas percepções sobre o que estavam lendo. E, ao observar os comentários, a docente, responsável pela mediação da leitura, constatou que os alunos não mencionavam qualquer relação dos trabalhos de Hércules com a realidade: tudo estava no mundo da imaginação, do irreal, não ultrapassava as páginas do livro. O elo entre o que se lia e a realidade não era perceptível, ou mencionado, por nenhum leitor. Os comentários giravam em torno da força do herói, as criaturas enfrentadas, como ele vencida os desafios etc.

Concluído o tempo estipulado para a leitura do livro, 45 dias, realizou-se atividades escritas sobre o livro: interpretação, compreensão e produção de texto com um 13º desafio imposto a Hércules. Além disso, foi realizada uma dinâmica em sala, uma disputa entre grupos, para que respondessem a perguntas sobre o que foi lido. Essa atividade foi a que eles mais gostaram, seguida da invenção deles sobre um novo desafio proposto ao herói.

Para concluir os trabalhos com o livro “Os doze trabalhos de Hércules”, de Isabelle Pandazopoulos, os alunos foram convidados, cada turma em seu respectivo horário de aula, afinal eram 3 turmas de 7º ano, 105 alunos, a se deslocarem até o auditório da escola para uma roda de conversa sobre os trabalhos realizados pelo herói. Dessa vez, o objetivo para a atividade era que eles refletissem a respeito dessa literatura, das situações “imaginárias”, o resquício delas no cotidiano, na vida real.

Sobre o primeiro trabalho de Hércules, vencer o Leão de Neméia, os alunos foram instigados a refletirem, primeiramente, sobre o modo que ele venceu o desafio, como ele matou o leão. Até aqui, nenhum aluno havia feito a ligação entre a expressão, hoje utilizada nas artes marciais – o golpe mata-leão –, e a situação vivenciada nessa mitologia. Com a mediação eles conseguiram observar que a literatura, tida como imaginária, até então, estava presente no mundo real. Isso foi relevante para que o comportamento de Hércules também fosse questionado. Refletiu-se sobre a importância do planejamento, da paciência, da perseverança e, principalmente, educar a violência: nem sempre a força bruta vence, às vezes, é preciso uma estratégia, ser inteligente nas ações.

Acerca do segundo desafio, Matar a Hidra de Lerna, um monstro com 10 cabeças que vivia na água, outros assuntos puderam ser abordados, transpostos da imaginação para a realidade. As reflexões partiram sobre o quantitativo de cabeças da criatura associados aos 9 pecados capitais, detalhadamente explicados: ira, orgulho, vaidade, inveja, avareza, medo, gula, luxúria e preguiça. Na luta, cada vez que Hércules decepava uma das cabeças da criatura, outras duas nasciam no lugar. Ele precisou usar o fogo para queimar as chagas e impedir o crescimento dessas cabeças, entretanto a última, a 10ª, que por um instante passou a fazer parte do próprio herói precisou ser aprisionada em um buraco. A partir daí, os debates realizados com os alunos instigavam para a percepção de que os 9 pecados capitais podem surgir a qualquer momento no ser humano, por isso a 10ª cabeça, o próprio ser humano, precisa manter, de alguma forma, essas características sob controle. Ainda sobre a Hidra, outra associ-

ação com a realidade pôde ser feita considerando o “hidrante”. Características e particularidades do objeto foram observadas em fotos, previamente selecionadas.

No terceiro desafio, Hércules foi destinado a matar o Javali de Erimanto: criatura ruim, sem limites, que sentia prazer em devastar tudo ao seu redor. Nesse viés, os alunos foram incitados a relacionar essa criatura ao ser humano. As opiniões e discursos foram bem distintos, principalmente, no que diz respeito aos limites impostos pelos seus responsáveis. Para alguns, assim como a neve representou o limite, uma barreira de contenção para o monstro, momento em que esse foi impedido de devastar tudo ao seu redor e capturado por Hércules, eles também precisam ser controlados para não fazerem coisas erradas, outros discordaram totalmente. A maioria compreendeu a importância dos limites e asseguraram que isso ajuda para que se transformem em pessoas boas, não delinquentes.

Ao abordar o quarto trabalho de Hércules que consistia em capturar a Corça, um animal sagrado, com pés de bronze, ou seja, inalcançável na corrida, e chifres de ouro, portadora de imensa sabedoria, as reflexões partiram sobre a espera que o herói precisou fazer para se aproximar do animal. Os estudantes foram provocados a pensar na aproximação entre as pessoas, usar a situação “imaginária” da história e transpor para a realidade. Dessa forma, afirmaram que ninguém precisa prender uma pessoa para ter ela por perto, basta conquistá-la, aproximar-se com sabedoria, ter paciência, sem correria, respeitando o outro.

Em relação ao quinto trabalho, expulsar os pássaros do lago Estínfalo e ao sexto, limpar os estábulos do Rei Augias, o debate girou em torno de saber a hora de agir, usar a inteligência ao invés da força, bem como a importância dos trabalhos manuais. Cada fato narrado foi contextualizado com situações reais e os alunos manifestaram suas opiniões de acordo com seus valores sociais.

Ao chegar ao sétimo trabalho, Hércules precisava capturar o touro de Creta: um animal que não foi sacrificado pelo rei Minos, conforme as ordens do deus Poseidon e, por isso tornou-se extremamente furioso e assolava todo o reino de Creta. Antes disso, seduziu a mulher do rei, a qual gerou um monstro, o Minotauro. Sobre esse desafio, as reflexões foram, basicamente, conduzidas pelos próprios alunos. Sem muita instigação, eles queriam falar sobre a desobediência a Deus: a questão religiosa foi muito debatida. Dessa vez, a literatura “imaginária” tornou-se “real”, de

modo espontâneo. Os leitores expuseram suas crenças.

O egoísmo e a barbaridade foram os assuntos mais debatidos em relação ao oitavo trabalho de Hércules. Nesse ele deveria capturar as quatro éguas que pertenciam a Diomedes: um rei cruel que alimentava esses animais com carne humana, a dos estrangeiros. Isso, na fala dos alunos, jamais aconteceria na realidade, somente sob magia alguém faria isso. Entretanto, por meio da mediação, a professora-pesquisadora provocou os estudantes a olharem a situação por outra perspectiva, pensar nos trabalhadores que se sujeitavam a levar os estrangeiros até as éguas e servi-los de alimento. Esse foi um ponto bastante importante para a transposição do imaginário para a realidade. Os alunos apreenderam e discursaram sobre a exploração de pessoas, enquanto umas exploram outras são exploradas, de diversos modos: usam o que você tem de melhor, não retribuem nada, só querem pra si, se aproveitam e não respeitam o outro.

Nesse momento da mediação da leitura, nessa roda de conversa, os alunos já não precisavam de tanta instigação para tornar as situações imaginárias em realidade. Assim, o assunto sobre as *fake news*, algo muito atual, logo surgiu no debate acerca do nono trabalho de Hércules. Nesse ele deveria ganhar de bom grado o cinturão da rainha das Amazonas, Hipólita. Essa, ao conhecer a história do herói, tirou o cinturão e o entregou ao viajante. Mas, Hera, a esposa de Zeus, acompanhava tudo e, furiosa, tomou a forma de uma das Amazonas, apareceu ao grupo e convenceu-as de que Hércules tinha vindo para raptar a rainha. Logo, as Amazonas atiraram contra Hércules e quase o matou. Hipólita, sabendo de sua inocência, entrou na frente e morreu para salvá-lo. Os alunos apresentaram suas concepções em relação às informações que, quando passadas com maldade ou sem conhecimento da veracidade dos fatos, podem ter resultados irreparáveis, inclusive acabar com a vida de uma pessoa.

No décimo trabalho, Hércules deveria levar a Euristeu os mil bois que estavam sob a guarda do monstro gigante Gerião. Para realizar o feito, antes precisou enfrentar um cão com duas cabeças, extremamente mau, e o pastor, Euritião. Após vencer essas três criaturas, enfrentou a missão árdua de levar os bois até seu dono. Diante desse desafio, pouco explorado pelo livro, apenas um parágrafo, os alunos não demonstraram muito interesse. Por mediação da professora-pesquisadora os alunos foram convocados a pensar sobre os problemas do nosso dia a dia, como podemos superá-los, sem jamais pensar em desistir, ter persistência.

Hércules, para cumprir o 11º trabalho, precisava roubar as maçãs

de ouro do jardim das Hespérides, mas a localização era desconhecida. Por isso, o herói teve que abandonar a força e convencer Atlas, um dos Titãs que fizera guerra aos deuses, condenado a sustentar nos ombros o peso do céu, fosse pegar as maçãs enquanto ele cumpria a sua condenação. Ao lembrar esse episódio, os alunos não tiveram dificuldade em transpor o ato de segurar o céu, algo imaginário, para o peso das dificuldades da vida real. Outro ponto relevante nas discussões foi a necessidade de ajuda. Os alunos expuseram que ninguém vive sozinho. Por mais forte, corajoso e guerreiro, qualquer pessoa, inclusive um herói, precisa de auxílio. Também foi momento de falar sobre a função de um livro-atlas.

No último trabalho realizado por Hércules ele precisava capturar o cão de Hades, Cérbero: animal com três cabeças, guardião do inferno. Esse desafio, ao ser retomado, favoreceu discussões sobre força, inteligência e resolução de dificuldades. Além disso, a religiosidade, o medo da morte e do inferno fizeram parte do debate. O golpe mata-leão também foi lembrado. Enfim, na conclusão da roda de conversa, os alunos já faziam rápidas associações entre todos os doze trabalhos realizados por Hércules e o que estava na literatura mitológica, imaginação, era transposto para a vida real.

5. *Palavras finais*

Ao concluir, constatou-se que em “Os doze trabalhos de Hércules”, de Isabelle Pandazopoulos há caminhos que conduzem da imaginação à realidade, além de muitos conhecimentos, daí a relevância em mergulhar no texto para compreendê-lo, realizando uma leitura crítica e atenta às pistas deixadas pelo autor.

Assim sendo, acredita-se que os objetivos elencados para as atividades pedagógicas, especialmente a última, foram cumpridos. Demonstrou-se para os alunos que dentro do texto havia espaço para implicitudes, que as entrelinhas tinham inúmeros discursos, portanto era insuficiente decodificar o texto. Era preciso aprender com cada trabalho realizado pelo herói, ver além da “superficialidade” do escrito. Nenhum desafio proposto foi escolhido ao léu. Toda missão era uma provocação, um chamado ao leitor para reflexões. “Daí, a necessidade de o professor não pensar as atividades apenas como fruição, mas também como possibilidade de conhecimento reflexivo e conseqüentemente, de qualificação de seus alunos e de si mesmo.” (RITER, 2009, p. 54).

As percepções de situações que partem de um mundo imaginário e dialogam com a vida real podem não ser observadas quando o leitor está em formação, daí a importância da mediação da leitura, da construção de andaimes. O elo entre o texto “imaginário” e a realidade precisa ser construído. Para Cosson (2016, p. 28), “o que expressamos ao final da leitura de um livro não são sentimentos, mas sim os sentidos do texto. E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores”.

Além disso, como menciona Riter (2009, p. 97), “a palavra literária [é] formadora de cidadãos críticos, de pessoas melhores. Acredito também que a escola tem papel relevante neste sentido, já que há ainda no Brasil muitos lares nus de livros e de leitura”. Essa nudez, quando coberta pelo ambiente, precisa ser trabalhada em todas as suas potencialidades. Cada instante de troca de aprendizagens, cada atividade significativa, certamente contribuirá para a formação de leitores críticos.

É inadmissível que a escola, em pleno século XXI, exija leituras silenciosas para conter o “barulho” em sala de aula, ou somente em casa, sem nenhum debate, sem troca de ideias, sem diálogos, para, no final do bimestre, realizar uma avaliação sobre os nomes das personagens, o espaço da narrativa, o nome do autor, as datas mais importantes, o clímax e o desfecho. Itens que com uma breve pesquisa na *internet* o aluno já terá material suficiente. Uma leitura sem fins específicos, com pouca aprendizagem, na maioria das vezes, simplesmente, para cumprir com um projeto de leitura estabelecido pela escola.

Enfim, concluo este estudo com a certeza de que a prática docente precisa ser problematizada, refletida, diariamente, e para que se possa extrair os aprendizados, isso é compreender que a formação é um processo contínuo. Cada vez que uma experiência docente é avaliada, questionada, colocada em dúvida, os equívocos praticados poderão ser amenizados em uma próxima aplicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. São Paulo: Cultrix, 2013.

BORTONE, Marcia Elizabeth; MARTINS, Cátia Regina Braga. *A construção da leitura e da escrita: do 6º ao 9º ano do Ensino*

Fundamental. São Paulo-SP: Parábola, 2008. 176p.: (Coordenação: Stella Maris Bortoni-Ricardo)

BORTONI-RICARDO, Stela Maris *et al.* (Orgs). *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____; MACHADO, Veruska Ribeiro; CASTANHEIRA, Salete Flôres. *Formação do professor como agente letrador*. São Paulo: Contexto, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 6. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Vera Aparecida de Lucas. Mediação: estratégia facilitadora da compreensão leitora. In: BORTONI-RICARDO, S.M. *et al.* (Orgs). *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 65-85 (Cap. 3)

JULIEN, Nadia. *Minidicionário compacto de mitologia*. Trad. de Denise Radonovic Vieira. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2002.

MESQUITA, Deise Nanci de Castro. Mediação pedagógica: leitura e escrita na escolarização básica. In: BORTONI-RICARDO, S.M. *et al.* (Orgs). *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 131-59 (Cap. 6)

MOURA, Ana Aparecida Vieira de; MARTINS, Luzineth Rodrigues. A mediação da leitura: do projeto à sala de aula. In: BORTONI-RICARDO, S.M. *et al.* (Orgs). *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 87-112 (Cap. 4)

PANDAZOPOULOS, Isabelle. *Os doze trabalhos de Hércules*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Escrever hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

RITER, Caio. *A formação do leitor literário: em casa e na escola*. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2009.

SOUZA, Helen Danyane Soares Caetano de. SERAFIM, M. de S. A mediação da Leitura na educação infantil: onde a leitura de mundo precede a leitura das palavras. In: BORTONI-RICARDO, S.M. *et al.* (Orgs). *Leitura e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 19-41 (Cap. 1)